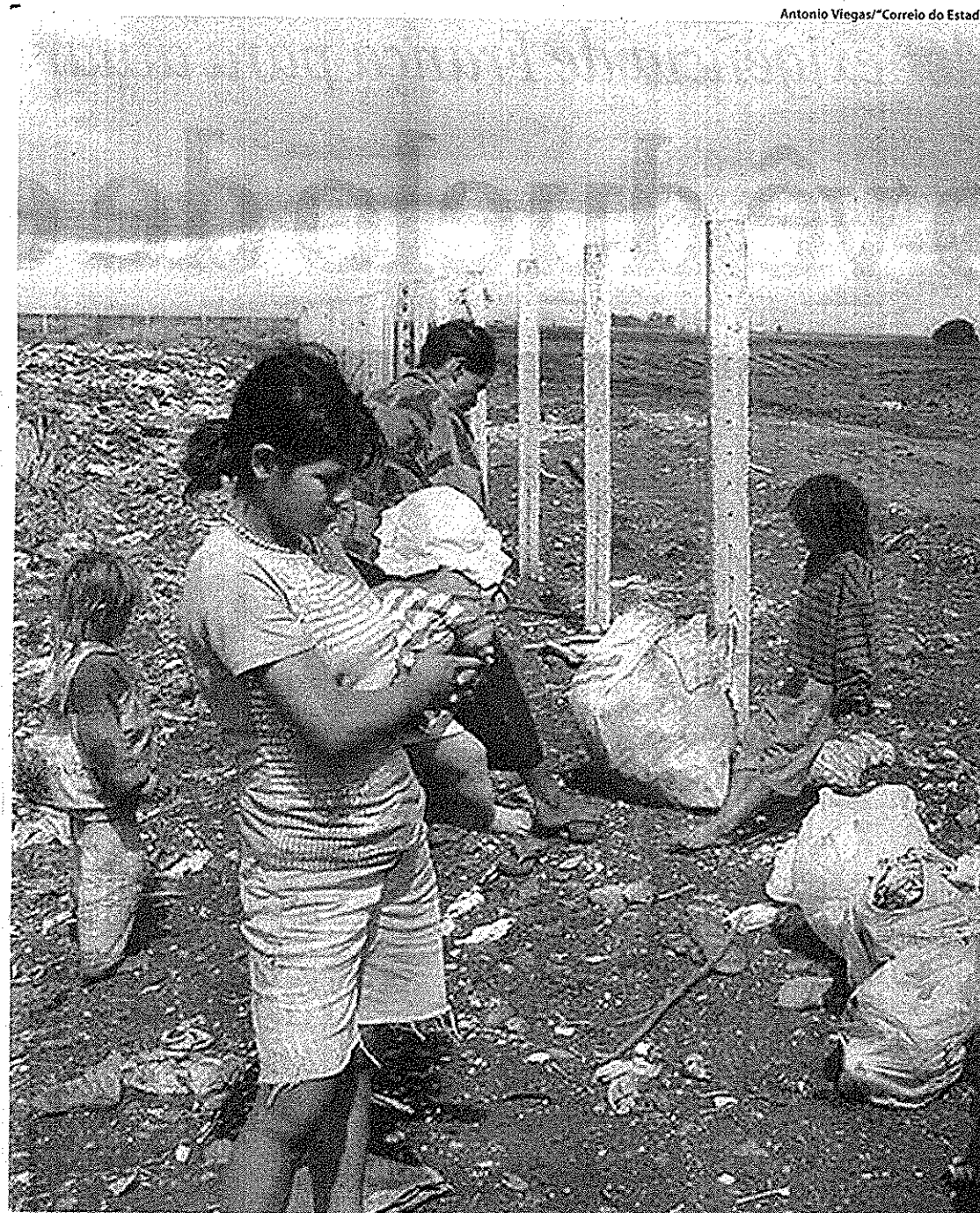


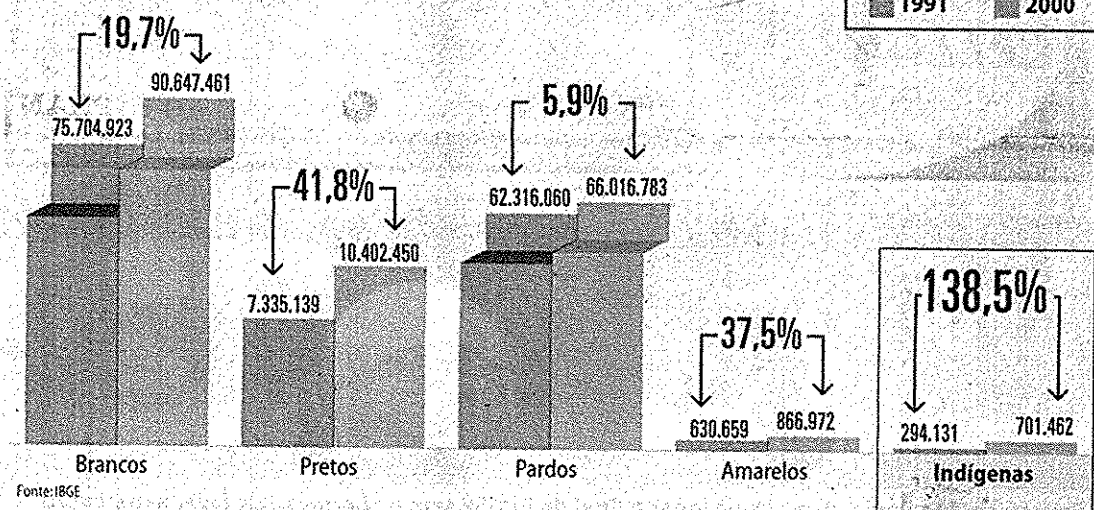
CENSO 2000 Segundo dados preliminares, Estado pode ter o segundo maior número de índios; grupo dobrou no país de 1991 a 2000

População indígena quintuplica em SP



Índios da Reserva de Dourados, a 210 km de Campo Grande, em lixão onde procuram alimentos

AUMENTA O NÚMERO DE INDÍGENAS



Documentação

Fonte: FSP / cotidiano

Data: 11/5/2002 Pg: C9

Class: 37

Antonio Viegas/Correio do Estado

FABIANO MAISONNAVE

DA AGÊNCIA FOLHA, EM CAMPO GRANDE

“Não vai haver índio no século 21. A idéia de congelar o homem no estado primário de sua evolução é, na verdade, cruel e hipócrita.” A frase, proferida pelo sociólogo Hélio Jaguaribe em 1994, causou polêmica e provocou um grande debate naquele ano no país: estaria o índio brasileiro condenado à extinção?

Pelos números de Censo 2000, divulgados nesta semana, Jaguaribe errou longe: a taxa de crescimento da população indígena foi maior do que todas as outras.

De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o número de índios saltou de 294.135, em 91, para 701.462, em 2000 —um aumento de 138,5%. Os índios representam apenas 0,4% dos brasileiros. Em 91, o número era menor: 0,2%.

Em alguns Estados, o crescimento foi ainda maior. Em São Paulo, o número saltou de 13.166 para 62.019 na última década —acréscimo de 371%. Segundo dados ainda preliminares, o Estado pode ter a segunda maior população indígena do país, ultrapassando Mato Grosso do Sul.

No Amazonas, Estado com o maior número de índios, a população chega a 119.927, crescimento de 77% em comparação a 91, quando o havia 67.789 índios.

Funai

Os números surpreenderam até a Funai (Fundação Nacional do Índio), que usa a estimativa de 358 mil índios. O órgão só contabiliza os que vivem em reservas.

Para a Funai, em 2000, só havia 2.716 índios em todo o Estado de São Paulo. O órgão não levou em conta, por exemplo, os cerca de 2.000 índios pancarurus que vivem na capital paulista.

De acordo com o historiador André Ramos, chefe do departamento de documentação da Funai, os números devem ser aceitos com ressalvas. “O IBGE usa o critério da autodeclaração”, o que pode criar distorções, diz.

Mas ele concorda que há tendência de crescimento. “Em algumas etnias, a taxa de crescimento anual chega a 4,5%, bastante superior à média brasileira.”

Tribos urbanas

O IBGE ainda não divulgou dados mais minuciosos sobre como vivem e onde estão esses índios, mas a diferença com os dados da Funai é um dos indícios de que boa parte dessa população esteja morando em cidades.

Em Campo Grande (MS), esti-

ma-se que vivam cerca de 7.000 índios, a maioria terenas vindos do interior do Estado. Já existem duas “aldeias urbanas” na cidade —loteamentos destinados especificamente a essa população.

De acordo com Nilza Oliveira Martins Pereira, demógrafa e estatística do IBGE, os números podem sofrer uma variação de até 15%. Mesmo assim, o crescimento foi considerado espantoso.

Já existe pelo menos uma queixa sobre os números. O Conselho do Índio de Santa Catarina informou que foram contados apenas 1.515 índios no Estado. O correto, segundo o órgão, é que o número ultrapasse 8.000. Um pedido de recontagem está em estudo.

Procurado pela Agência Folha para comentar o assunto, o sociólogo Hélio Jaguaribe informou que ainda não havia tomado conhecimento dos novos números.

Recuperação

Para a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, da Universidade de Chicago, o crescimento apontado pelo IBGE não chega a ser surpreendente. “É uma curva demográfica já conhecida”, disse.

De acordo com ela, há dois grandes processos em curso hoje entre a população indígena. “Grupos contatados nos anos 70 na região amazônica, durante a construção de rodovias, estão se recuperando demograficamente.”

Outro fator importante, segundo ela, é a possibilidade de as pessoas se identificarem no censo como indígenas. Manuela ressalva, no entanto, que só é possível comprovar essas hipóteses a partir da análise de dados mais detalhados.